**Fichamento 1**

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. **Prosa e Verso,** Rio de Janeiro, dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido> . Acesso em: 16 jan. 2018.

Lucas Andreuchette Medeiros

“[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. ”

[ Acredito que literatura embora muitas pessoas não saibam está presente no dia a dia de todos, de maneira implícita e muito importante, mesmo que pouco notada, um exemplo desta presença é a fabulação das crianças não? Eu acredito que o processo de criação de uma obra literária, embora envolva muitas outras coisas, parte da imaginação e da criatividade, na infância quando nos víamos sozinhos criávamos universos, amigos imaginários e até mesmo familiares para substituir ou para preencher ás lacunas da vida, pois precisávamos e acredito ainda que tenhamos crescido precisamos disso, “sonhar e imaginar” como o Antônio Candido aponta ].

“[...] se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.”

[ Uma vez que, segundo Candido, estamos diariamente expostos a literatura implicitamente, que está ao nosso redor acaba se tornando um direito, haja vista que se todos podem vivenciá-la porque alguém seria privado? Ou ainda uma sociedade? Se isso está diariamente diante de nós é porque criamos como manifestação de quem somos, um reflexo de crenças e culturas.]

“[...] ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.”

[ Podemos notar que frases bonitas bem escritas, rebuscadas, assim como textos motivadores que fazem uso de figuras de linguagem tem mais efeito sobre nós que lemos, ou seja, tudo tocado pela literatura passa a ter um ar de nobre e passa a ser fonte de conhecimento e poder. ”]

“O Fausto, o Dom Quixote, Os Lusíadas, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular. A respeito, o Brasil se distingue pela alta taxa de iniqüidade, pois como é sabido temos de um lado os mais altos níveis de instrução e de cultura erudita, e de outro a massa numericamente predominante de espoliados, sem acesso aos bens desta, e aliás aos próprios bens materiais necessários à sobrevivência. ”

[ Deparando-me com este trecho fica impossível não comentá-lo com um olhar e posicionamento político, pois somos seres políticos. As obras acimas destacadas por Candido, me fazem refletir que se eu nunca tivesse a oportunidade de ingressar em uma universidade jamais as leria ou se tivesse lido não as entenderia, pois me faltariam as ferramentas que a universidade me disponibilizou para começar a decifrar os códigos do texto e entrar no jogo. Tendo em vista isso essa centralização de poder e conhecimento que é imposto pelos “eruditos”, nas classes menos favorecidas, nosso pais confunde dinheiro com direito, se eu posso comprar e você não sinto muito você não vai ter, ou seja é extremamente difícil a pessoas que vem da periferia terem a oportunidade de sequer saberem o que é *Os Lusíadas.* ]

**FICHAMENTO 2**

COLOMER, Teresa. Ler na escola: os “livros de leitura”. In: <file:///C:/Users/lucas%20Andreuchette/Desktop/TextoLiteratura.pdf> . **Andar entre livros -** A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo Global, 2007, p. 15-48.

Lucas Medeiros

“ Em relação à etapa secundária, o modelo secular de ensino literário foi o aprendizado prático para criar discursos orais e escritos. Desenvolvia-se através do eixo da retorica[...]” (p.17)

[ Esse trecho do texto, lembrou-me a uma fala de Viviane Mosé, que diz que o conhecimento na escola atual vem em partes como em uma fábrica, ou seja, fragmentado. Parece-me que o tradicional método de ensino por repetição e o ensino por “partes” é muito antigo, a escola oferece aos alunos saberes fragmentados e não estabelece relação nem entre os próprios saberes e muito menos entre os saberes e o mundo não preparando um aluno autônomo de seu pensamento. Pensando nisso, quando um aluno se depara com um texto verdadeiramente literário, uma “escritura” como proposta por Roland Barthes ele não sabe como agir, digo isto por experiência própria, sempre foi-me dito que só existia uma interpretação sobre aquele texto e que só existia esse único pensamento arcaico e que algo fora disso estava errado, logo penso que novos caminhos devem ser trilhados e novas metodologias de ensino devem ser buscadas, para que não continue-se a mesma repetição como se fossemos papagaios repetindo discursos fragmentados desprovidos de sentido com o mundo.]

“ O debate sobre o ensino da literatura se superpõe, assim, ao da leitura, já que o que a escola deve ensinar, mais do “que literatura”, é “ler literatura”.” (p.30)

[ Bem ao contrário do citado acima, nas escolas públicas raramente esse conceito é aplicado, haja vista que os professores de literatura destas instituições em sua maioria e não só eles, mas também o governo se importam muito mais em ensinar períodos literários, citar autores e estilos de escrita do que oferecer ao aluno a oportunidade de ler uma obra de um autor que ele sabe que existe, mas nunca leu e se importa muito menos em oferecer ferramentas para que ele possa desvendar o texto literário adentrando no subterrâneo, escavando e verdadeiramente interpretando o texto.]

“ Sua crença era compartilhada pelos pais de amplos setores sociais, que pensavam que seus filhos não podiam perder tempo ”

[ O pensamento atual não é muito diferente, estudo é para poucos, ou seja, é melhor trabalhar feito um louco a ficar por aí lendo. A pessoa que estuda, faz uma faculdade é vista por uma parte da sociedade de maneira marginalizada, não perde tempo lendo não, tem mais que trabalhar, vai construir sua vida. ”]

“ Contudo é inquestionável que o desinteresse pela leitura ocorre nos jovens enquanto ainda estão na etapa escola e que alguns dos fatores que produzem têm causas escolares, por defeitos nos métodos didáticos ou por fatores tão contraditórios como o fato de que a exigência do conhecimento próprio do secundário diminui o tempo que os meninos e as meninas dedicavam a leitura no primário”

[ Nos anos iniciais do ensino fundamental, o incentivo à leitura é muito grande, porém na medida que os alunos vão avançando na vida escolar passa-se a diminuir esse estimulo, como que se a literatura servisse apenas para alfabetizar e depois não é mais necessária. E é muito no contrário que caminha essa história como o Antônio Candido diz, somos seres que temos a necessidade de fabular, se não precisássemos quando iriamos dormir não sonharíamos. ]